

I Artigo CEJAA

Rapunzel: complexo materno e os desertos iniciáticos da alma

Raquel Trindade Andrade

Resumo:

Este breve artigo se propõe a fazer uma análise simbólica sobre o conto de fadas europeu A Rapunzel, publicado pelos irmãos Grimm, em 1815. A escolha pelo conto se deve à experiência clínica em que o conto foi abordado como fio condutor e mobilizador do processo terapêutico da paciente. Esta análise se faz à luz da Psicologia Analítica. Assim sendo, inicialmente farei uma breve contextualização sobre os contos de fadas nessa abordagem, em especial na visão do próprio Jung e da Von Franz e, em seguida, discorrerei sobre a análise do conto, dando ênfase a dois aspectos por mim elencados: os afetos referentes a relação mãe e filha, a partir do conceito de complexo materno e as paisagens do conto, em especial a imagem do deserto.

Uma Breve Introdução sobre os Contos de Fadas e a Psicologia Junguiana

Experenciamos, por meio dos nossos sonhos, a produção de imagens pela energia psíquica. Todas as noites vivenciamos imagens que carregam histórias, ainda que construídas em uma relação espaço-tempo diferente da consciência humana, elas nos contam algo sobre o nosso universo interno. Essas imagens, ao longo da história, romperam a fronteira do sonho, palco onde as cenas se desenrolam, para povoar outras histórias, narrativas simbólicas sobre experiências dos povos ancestrais no mundo inteiro.

Possivelmente, muitos de nós recordamos do conto que adorávamos ouvir na infância ou que nos afetou de algum modo, e pedíamos para ouvir e ouvir novamente. A contação de histórias tem esse potencial, de carregar simbolismos que para penetrar na consciência humana, precisam ser ouvidos

em diferentes momentos. Assim, a cada experiência, uma nova camada do conto pode ser revelada.

Na Psicologia Analítica, os contos de fadas são considerados manifestações do inconsciente coletivo. Jung diz que é onde “melhor se pode estudar a ‘anatomia comparada da psique’”. Para Jung, nos mitos e nos contos de fadas, assim como no sonho, “a alma fala de si mesma e os arquétipos se revelam em sua combinação natural, como formação, transformação, eterna recriação do sentido eterno” (JUNG, OC. Vol. XII, p. 218).

O autor, e, posteriormente, Von Franz afirmam que nos mitos há uma grande quantidade de material cultural, “mas nos contos de fada existe um material consciente culturalmente muito menos específico e, conseqüentemente, eles oferecem uma imagem mais clara das estruturas psíquicas” (VON FRANZ, M.L., 1990, p.09).

Para Von Franz os chamados contos de fadas são a expressão mais pura e mais simples dos processos psíquicos do inconsciente coletivo. Sendo assim, o seu uso para a investigação do inconsciente é superior a qualquer outro material. Von Franz afirma que os contos são histórias arquetípicas que se originam, frequentemente, nas experiências individuais através da irrupção de algum conteúdo inconsciente, que podem surgir em sonhos ou alucinações em estado de vigília (VON FRANZ, M.L. 1990).

Sobre a uso dos contos na psicologia e na clínica junguiana, Von Franz, em sua obra *A interpretação dos Contos de Fadas*, alerta que a interpretação é importante assim como a análise dos sonhos, contudo, o conto, tal como o sonho, é por si só sua melhor explicação. Ou seja, a interpretação de um conto ou mito é o nosso próprio mito, ela ocorre de acordo com o nosso estado atual.

O conto que se segue foi contado algumas vezes, e em momentos diferentes, para a mesma paciente. Ele foi mencionado muitas outras vezes também. E, corroboramos com Von Franz, de que o aspecto numinoso de um conto, não se esgota. Suas imagens, personagens e seus cenários podem ser atualizados ou reavivados no processo psicoterapêutico, sempre que o conteúdo relatado pelo paciente, convidar.

A Rapunzel: afetos e paisagens no conto

A Rapunzel, conta a história de um casal que desejava muito ter um filho, mas a esposa ainda grávida, tem enormes desejos pelos rabanetes da bruxa. Então, o marido os rouba, o que os leva a uma maldição: perder a filha ao nascer, que passa a ficar sob os cuidados da bruxa, que lhe dá o nome de Rapunzel. Ao fazer doze anos, a bruxa a coloca em uma torre e a isola do mundo. Até que aparece um príncipe, que se encanta pelo canto da moça. O Príncipe escala a torre através das tranças dela. Ao planejarem a fuga da torre, a bruxa má descobre tudo através de um ato falho de Rapunzel e, como castigo, lhe corta as tranças e expulsa a moça para o deserto. E o príncipe, cai da torre e fica cego. Ao fim, ambos se reencontram neste deserto, lugar onde a moça dá à luz a dois filhos gêmeos. E o Príncipe volta a enxergar, ao ser tocado pelas lágrimas da Rapunzel.

Feito esse breve resumo, vamos analisar a relação da Rapunzel com as figuras femininas – mãe e a bruxa má. Podemos observar que a mãe, que desejava muito ter uma filha, também deseja os rabanetes da bruxa e, como consequência, temos o encarceramento da Rapunzel, assim que atinge a puberdade. Podemos observar também a figura paterna como corresponsável pela maldição, já que é ele quem faz o movimento de atender aos desejos da mulher, sem se atentar para os perigos.

Complexo é um conceito inaugurado por Jung, dito de modo geral, são “constelação de lembranças de experiências e fantasias condensadas, ordenada em torno de um tema básico semelhante e carregadas com uma forte emoção na mesma qualidade” (KAST, 1997: p. 31). Quando na vida uma experiência toca no tema do complexo, (por exemplo no tema do conto, o de ser propriedade da mãe ou de não ter permissão para amadurecer), então agimos de maneira complexada, ou seja, interpretamos a situação vivida sob a ótica do complexo. Segundo Kast (1997), geralmente os complexos surgem em eventos dolorosos ou significativos para os quais nós não estamos preparados para enfrentar, e é por essa razão que grande parte deles surgem na infância, mas podem ocorrer durante toda a vida.

Segundo Jung (JUNG, OC. Vol. IX/I), o complexo materno pode ser traduzido como uma constelação do arquétipo universal da mãe na relação

primordial da criança com a mãe pessoal (atualmente podemos ampliar para pessoa que realiza a função materna). Os símbolos associados ao arquétipo materno podem ter um sentido favorável, positivo ou nefasto, como a bruxa da Rapunzel, e a sua imagem se modifica de acordo com a experiência pessoal. Ou seja, ainda que o arquétipo possa ter um aspecto universal, Jung ressalta a predominância da experiência da mãe pessoal como condicionadora da projeção arquetípica. Nas palavras do autor:

Não é apenas da mãe pessoal que provêm todas as influências sobre a psique infantil descritas na literatura, mas é muito mais o arquétipo projetado na mãe que outorga à mesma um caráter mitológico e com isso lhe confere autoridade e até mesmo numinosidade”. (JUNG, JUNG, OC. Vol. IX/I, p.89)

Ou seja, a relação complexada com a mãe é condicionada às características pessoais da mãe e também às projeções arquetípicas da criança. A relação com a mãe é estruturante para a psique infantil e nela estão muitas causas das neuroses na infância. Se a criança encontra perturbação em sua esfera instintiva de cuidado, na relação com a sua mãe, há projeções de aspectos negativos do arquétipo materno, o que gera sofrimento na criança. Nos contos de fadas, a bruxa, é um exemplo bastante comum dessa imagem simbólica da mãe negativa.

Portanto, temos no conto a expressão simbólica de um complexo materno negativo, ou seja, Rapunzel é a filha da mãe em seu aspecto sombrio da bruxa má. A experiência do complexo materno negativo se traduz pela percepção da mãe devoradora, que não aceita o crescimento e a emancipação dos filhos. Nesse sentido, Rapunzel se sente isolada do mundo, no alto da sua torre, vivencia a única função de ser eternamente filha que atende os anseios de sua mãe. Desse modo, Rapunzel não pode se relacionar com o Príncipe, nem com o mundo exterior. Ela se sente impedida também de viver a sua condição de mulher, psiquicamente, a personagem está presa em sua condição infantil.

Uma das formas de complexo negativo é a mãe que reivindica a propriedade dos filhos, tal como Demeter, na mitologia grega. Segundo Jung (2011) são mulheres cujo o “instinto materno se impõe brutalmente até

conseguir o aniquilamento da sua personalidade e da personalidade dos filhos” (JUNG, JUNG, OC. Vol. IX/I, p.94).

O complexo materno negativo nas filhas, segundo Kast (1997), pode conferir uma falta de confiança primordial, que conferiria um sentimento de direito à existência. Em decorrência dessa falta, a filha pode ser tomada por um medo existencial e um sentimento de não pertencimento à vida. Podemos traduzir essa manifestação como pensamentos tais como “a vida é difícil e é difícil existir”.

Mas, apesar da estreiteza da vida na torre, Rapunzel canta, e, ao cantar atrai a atenção do Príncipe. “Cantar é mover o dom. No fundo de uma paixão”, assim como essa citação da composição de Djavan, podemos observar o canto como veículo e como expressão que mobiliza o desejo. Ou seja, o canto pode mobilizar os recursos internos necessários ao enfrentamento de uma situação. Ao atrair o Príncipe com o seu canto, a sua contraparte masculina, seu ânimo a coloca para fora do enclausuramento materno. Mas, antes da integração com a sua parte masculina, seu potencial de agir no mundo, Rapunzel precisará ainda, enfrentar o deserto.

No momento da descoberta das visitas do Príncipe, a bruxa corta as tranças de Rapunzel. Por meio dessas tranças, a bruxa também subia ao encontro dela. Cortar as tranças parece ser simbólico tal como o corte do cordão umbilical, do vínculo com complexo materno negativo.

Rapunzel é expulsa para o deserto pela bruxa, porque comete um ato falho. Em um ato de aparente descuido ela conta para a bruxa sobre as visitas do Príncipe, na fase em que estão tramando a fuga. Ato falho podem ser interpretadas como atitudes inconscientes que, neste caso, pode ser um complexo que age como um sabotador interno da filha. Ou seja, ela quer se libertar da torre, do enclausuramento do complexo materno, mas alguém nela a denuncia. A partir disso, ela pode ser punida e sofrer o castigo por tentar se libertar.

Podemos nos questionar se Rapunzel se sentia culpada por tentar se livrar da bruxa. Kast (1997) fala sobre o sentimento primário de culpa quando a criança tem “a impressão de não possuir nenhum direito a existência” e de que isso decorre por culpa dela. A criança, e posteriormente a adulta, mesmo se

sentindo culpada, irá tentar mudar essa realidade, mas poderá carregar consigo o sentimento de exclusão do direito à vida.

Por outro lado, a autora também alerta que mulheres com esse tipo de complexo, tenderão permanecer vinculadas à mãe, seja pelo domínio da mãe, ou pela tentativa de vencê-la, ou seja, de derrotar a mãe negativa. Voltando o foco para a nossa personagem, Rapunzel diz ingenuamente para a bruxa: “Diga-me, senhora, como é que lhe custa tanto subir, enquanto o jovem filho do rei chega aqui num instantinho?”. Nesse instante, Rapunzel é forçada a perder sua ingenuidade e, expulsa do ambiente materno, amarga alguns anos no deserto.

O deserto e suas auguras são retratadas em diversos contos e mitos. Na mitologia judaica o povo permaneceu quarentas anos no deserto em busca da terra prometida. Em diversos contos árabes, em especial oriundos da tradição sufi, o deserto é retratado como lugar de travessia e de transformação pessoal. O deserto também aparece em diversas mitologias árabes e africanas, como a egípcia.

Neste breve artigo, não nos estenderemos a essas passagens, contudo podemos destacar que o deserto geralmente é associado ao espaço do exílio e do desafio na jornada humana. É uma paisagem árida, de recursos naturais pouco acessíveis ao ser humano, um lugar onde não sabemos quando termina e, em que é difícil estabelecer uma orientação espacial. Rapunzel foi levada para lá “para que passasse privação e sofresse”, diz o conto.

Como nos diz Hollis (1998) são esses pantanais da alma, “as savanas do sofrimento, que fornecem o contexto para a estimulação e a obtenção do significado” (HOLLIS, 1998, p. 9), sem o qual não é possível obter o amadurecimento psicológico e espiritual necessário para sairmos da condição infantil, inconsciente e dependente.

No deserto, ela gestou e deu a luz a dois filhos gêmeos. Enquanto isso, o seu ânimo, o Príncipe, estava cego e buscava uma orientação que o levasse até Rapunzel. Podemos observar que não há menção de uma figura ou referência paterna ou masculina, (ou que simbolizasse essa função) após a captura de Rapunzel. Temos, portanto, um complexo paterno marcado pela ausência.

O deserto é o lugar do gestar. E é também o lugar em que nos sentimos cegos, sem uma direção clara e definida no mundo. Simbolicamente, por ser onde gestamos sonhos, novos inícios, a vida fora do enclausuramento previsível do complexo materno negativo. Ou seja, é onde teremos que lidar com o sentimento de falta, de abandono e outras sombras decorrente da experiência com o complexo que impede a formação de uma identidade apropriada.

A filha provocou a própria expulsão da prisão materna, mas o Príncipe ficou cego ao cair da torre. Nessa condição, sem enxergar uma direção, Rapunzel, terá que buscar a sua orientação no mundo e gestar um novo começo, um novo aspecto masculino e um novo feminino, assim como os seus filhos gêmeos. Apesar de tudo, um novo começo é possível na estrutura sólida de um novo reino, como nos ensinam tantos contos de fadas.

Considerações Finais

Rapunzel é um conto sobre o amadurecimento psicológico e espiritual da mulher que vive sob a experiência do complexo materno negativo. A história parece mostrar etapas para o gestar de uma nova e profunda identidade, no sentido da consciência necessária para a vida independente da torre materna. Nesse percurso, o sofrimento é condição sine qua non para o gestar do si mesma, já que é no deserto que um novo começo é possível.

Assim, é cortando as tranças que nos vinculam com o lugar conhecido da experiência afetiva que nos limita e impede o nosso desenvolvimento e enfrentando os desertos desse processo, que poderemos integrar a Rapunzel em nós, e ressignificar o nosso destino.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

HOLLIS, James. *Os Pantanaís da Alma*: uma nova vida em lugares sombrios. São Paulo: Paulus, 1998.

JUNG, Carl Gustav. *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. OC. Vol IX/I. Petrópolis: Vozes.

_____. *Psicologia e Alquimia*. OC. Vol. XII. Petrópolis, RJ: Vozes.

KAST, Verena. *Pais e Filhas, Mães e Filhos*. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1997;

VON FRANZ, M.L. *A Interpretação dos Contos de Fadas*. São Paulo: Edições Paulinas, 1990;

_____. *O Significado Psicológico dos Motivos de Redenção nos Contos de Fadas: um estudo arquetípico sobre conflitos e problemas de relacionamentos*. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 2021.